

Um Olhar sobre a Teoria Sociológica a partir de pressupostos teórico-metodológicos¹.

Geruza Silva de Oliveira²

RESUMO: O presente artigo discute de forma teórico-metodológica alguns pressupostos apresentados pela teoria sociológica clássica. Faz especificamente uma compreensão de alguns elementos intrigantes sobre a percepção da sociedade, a partir das principais literaturas clássicas da sociologia. Metodologicamente foi construído por análises bibliográficas e discussões em aulas assistidas e ministradas.

palavras-chave: sociedade, indivíduo, pressupostos.

INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir traz algumas questões que tem objetivo a compreensão de alguns fundamentos conceituais e metodológicos que serão discutidos a partir das obras de clássicos da sociologia, e partirá de alguns pressupostos: 1. Os escritos desenvolvidos na produção deste texto partem da concepção de uma visão dos autores por eles mesmos, ou seja, todo o raciocínio e conhecimento aqui apresentados se expressam no esforço do entendimento dos autores por eles mesmos; 2. Para Max Weber só é possível compreender a sociedade, a qual se centraliza para seu estudo, a partir do seu entendimento em partes; 3. Seu modelo de análise social se constrói em fragmentos conceituais. 4. O tema central da construção do modelo teórico-metodológico de Karl Marx está no entendimento, explicação sobre a sociedade moderna delineado por um modelo da práxis social; 5. Modelo o qual, o sujeito e o objeto (sociedade capitalista) são determinados mutuamente. Sujeito e objeto são, portanto, construídos numa relação dialética; 6. A relação dialética expressa um ser que atua conforme as condições históricas ligadas a ele; 7. A partir dos fundamentos teórico-metodológicos do clássico Émile Durkheim problematiza-se primeiro que, todos os indivíduos nascem e tudo já

¹ Texto em formato de artigo apresentado à Revista Eletrônica da FACER.

² Mestre e doutoranda em Sociologia – UFG. Professora titular de Sociologia, Metodologia Científica, Ciências Humanas e Sociais, Antropologia, TCC – Monografia, na Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba e Faculdade de Ceres. Coordenadora da CPA na FACER e FACERES. Coordenadora de TCC do curso em Administração na FACERES. Coordenadora de Monografia Jurídica da FACER.

está institucionalizado coletivamente; 8. Segundo, o indivíduo não passa de um elemento da totalidade coletiva.

Karl Marx nasceu em 5 de maio de 1818 em Treves, capital da província alemã do Reno. Em 1837 Marx numa carta enviada ao seu pai demonstra suas iniciais insatisfações ao idealismo hegeliano ao descrever “suas relações contraditórias com o hegelianismo, pensamento dominante na Berlim da época” (MARX, 1991, p, VIII). Karl Marx³ pensa a realidade ligada à classe operária que desenvolverá a ação revolucionária, ou seja, o homem em Marx é ator de sua própria história que, se apodera da natureza e a transforma conforme sua razão.

Desenvolve, portanto, a ênfase ao trabalho criativo do homem quando este retira, transforma e se adapta à natureza. Numa visão marxiana o ser, só pensa, só idealiza alguma coisa fundamentado concretamente em meios, insumos, forças produtivas, modo de produção⁴ inseridas em relações de produção encontradas exatamente naquela natureza, naquele meio. O homem não desenvolve seus pensamentos sem antes, se contextualizar e se atualizar nas condições históricas, sociais, econômicas, políticas, culturais dadas a ele. Sua produção, entretanto, depende desses fatores construídos socialmente. A criatividade do homem passa por seu desapego à abstração das idéias: “Libertemo-los, portanto, das ficções do cérebro, das idéias, dos dogmas, das entidades imaginárias, sob o domínio dos quais definham. Rebelem-nos contra o domínio da idéias” (MARX e ENGELS, 2007, p. 35).

O entendimento de sociedade em Karl Marx, a partir do estudo de suas obras, gira em torno da forma como os indivíduos produzem seus bens materiais. O ponto de partida é a forma, o meio, como os homens constroem sua realidade. Aqui temos o fundamento dado por Marx: a sociedade para ele tem como pressuposto as condições sociais de existência:

Os pressupostos dos quais partimos não são arbitrários nem dogmas. São bases reais das quais não é possível abstração a

³ Para fins didático-metodológico desta resenha, optou-se em construir raciocínios gerais fundamentados nas leituras das obras de Karl Marx.

⁴ Quando se fala de relações de produção, entendemos aquelas formas estabelecidas de distribuição dos meios de produção e do produto. Expressam como os homens se organizam entre eles para produzir. As forças produtivas seriam os instrumentos e habilidades que possibilitariam a produção acontecer. O modo de produção estaria na junção entre estas relações e forças produtivas. (MARX, 2008).

não ser na imaginação. Esses pressupostos são os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas que eles já encontraram elaboradas quanto aquelas que são o resultado de sua própria ação. Esses pressupostos são, pois, verificáveis empiricamente. (MARX e ENGELS, 2007, p. 44)

O homem em Marx é visto diferente da natureza, pois, produz seus meios de existência de acordo com os meios naturais já existentes, já encontrados, bastando apenas reproduzi-los. Dessa forma numa perspectiva teórico-metodológica Marx constrói uma contraposição entre idealismo e materialismo e deixa visível e o pensamento de que, não é a consciência que determina a vida em seu curso, mas é a vida – condições históricas – que determina a consciência humana.

Ao apreender a realidade social, Marx a faz de forma concreta, real, negando o idealismo como forma absoluta que, não dá conta da apreensão realmente da práxis. Discorre sobre as teses de Feurbach, a qual defende que, o modelo construído por ele – um materialismo não conectado à história – materialismo intuitivo – não demonstra enquanto abordagem teórico-metodológica a verdadeira realidade, mas apenas a aparência desta realidade, a expressão de um indivíduo isolado do seu contexto histórico, de suas condições materiais dadas e da real existência de um sujeito que trava constantemente uma relação com a história e com os meios que encontra⁵.

Faz análise desse materialismo e o acusa de não conseguir apreender a atividade humana sensível, ou seja, a realidade de um indivíduo que, atua, recebe, transforma, a realidade de um homem da práxis. Um homem que, possui a capacidade de planejamento e prevenção dos seus atos numa leitura contextual.

A práxis revolucionária se constitui de outro pressuposto teórico-metodológico de entendimento da sociedade, especialmente a sociedade capitalista, elaborado por Marx. Aqui o sujeito é pensado com aquele que, apreende e compreende as modificações da realidade histórica e, logo, possui a capacidade de alterá-la.

⁵ Nessa idéia temos o método concebido em Karl Marx, o materialismo histórico-dialético.

Marx pensa a realidade social também pelo entendimento da infraestrutura e da superestrutura como formas interativas na existência do ser. Dessa forma, a sociedade possui uma base estrutural, fundamento sobre o qual se constituem as instituições políticas e sociais, logo a infraestrutura é entendida a partir da idéia de que:

A estrutura social e o Estado nascem continuamente do processo vital de indivíduos determinados, porém desses indivíduos não como podem parecer à imaginação própria ou dos outros, mas tal e qual realmente são, isto é, tal como atuam e produzem materialmente e, portanto, tal como desenvolvem suas atividades sob determinadas limitações, pressupostos e condições materiais, independente de sua vontade. (MARX E ENGELS, 2007, p. 50)

A superestrutura seria a produção da vida dos homens em outro nível, além do material, onde “a produção de idéias, de representações e da consciência está no princípio, diretamente vinculada à atividade material e o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real” (MARX E ENGELS, 2007, p. 51).

A interligação das duas categorias pensadas em Marx é interligada pelo fato de considerar que, as idéias são produzidas pelos homens de fato, porém, são retiradas de homens reais, concretos, atuantes, criativos inseridos e condicionados pelas forças produtivas e pelas relações de produção.

A forma com Marx concebe seu pensamento sempre com o foco na compreensão do sistema social de produção capitalista, na produção de suas relações sociais, se constrói a partir de pressupostos que negam o idealismo alemão, e prioriza metodologicamente o entendimento dos sujeitos nesta sociedade, como sujeitos que vivenciam a prática como ela lhe é apresentada e que, se apoderam da mesma e com isso a reformulam.

A história em Marx se torna viva, real, concreta, portanto, não padronizada, “deixa de ser uma coletânea de fatos inanimados, como para os empiristas, ainda abstratos, ou uma ação imaginária de entidades imaginárias, tal como para os idealistas” (MARX E ENGELS, 2007, p. 52). Nesse sentido Marx enfatiza que,

o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que todos os homens devem estar em condições antes de tudo comer, beber, ter moradia, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro fato histórico, é, portanto, a produção dos meios que permitam que haja a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato esse é um ato histórico, uma exigência fundamental de toda história, que tanto hoje como há milênios deve ser cumprido cotidianamente e a toda hora, para manter os homens com vida. (MARX E ENGELS, 2007, p. 53)

Weber nasceu em 1864 em Erfurt, na Turíngia, o primeiro de oito irmãos. Seu irmão Alfred seria, mais tarde, também famoso sociólogo e economista, ao fundar a teoria do estabelecimento de pólos industriais, que trata das vantagens de uma determinada atividade econômica em um local determinado – como um terminal ferroviário ou rodoviário, por exemplo.

A mãe foi extremamente religiosa. O pai descendia de uma família típica do interior, que tecia toalhas e dirigia os negócios de maneira pré-capitalista: eles próprios vendiam os tecidos produzidos no mercado doméstico. O pai era jurista, trabalhava como jornalista e chegou a ser conselheiro municipal de Berlim.

Quando criança, Weber sofreu de uma meningite, que lhe deixou como seqüela a tendência ao fácil cansaço mental e, provavelmente, provocou também complicações psíquicas que acabaram por levá-lo à morte. Os políticos e professores que costumavam freqüentar a casa dos Weber, dada a situação preeminente do pai, despertaram desde cedo o interesse do pequeno Max pela história.

Quando, em 1882, terminou os estudos básicos, recebeu dos mestres créditos excelentes, Em seguida, iniciou uma carreira tipicamente germânica, de estudos, freqüentando faculdades de direito, economia, história filosofia, nas Universidades de Hiedelberg, Berlim e Göttingen. Como bebia muito, não eram poucas as ocasiões em que perdia a linha. Neste mesmo período, Weber prestou serviço militar obrigatório de um ano, chegando a oficial. Sete anos depois, em 1889, escreveu a sua tese de doutorado: *Contribuição à História das Sociedades Comerciais da Idade Média*; dois anos depois, apresentava um ensaio intitulado *A História Agrária Romana e seu significado para o Direito Privado e do Estado*. Ao ler este estudo, declarou o historiador – e mais tarde prêmio Nobel de Literatura – Theodor Mommsen:

“Quando finalmente tiver de ser levado ao túmulo, a ninguém direi com maior prazer do que a ele: “Filho, aqui tens minha espada, ela já é muito pesada para meu braço”.

Max Weber, assim como, outros clássicos da sociologia, tentam compreender a sociedade moderna e no caso de Max Weber, o autor recorre a elementos antigos para entender os elementos presentes nesta sociedade. O pensamento social de Max Weber se direciona a partir da compreensão da realidade social em partes, assim, fragmenta muitas categorias para tentar explicá-la. Max Weber sempre trabalhou com a lógica das possibilidades, interpretando, explicando na lógica da causalidade, dos efeitos, dos sentidos presentes na sociedade.

A visão de Max Weber sobre a sociedade moderna é a de que a mesma se faz pela burocracia que será a expressão da racionalização da sociedade; o Estado seria apenas, para este autor um aparelho burocrático sem conteúdo e sem liderança, seria um instrumento objetivo para se fazer cumprir as tarefas num caráter burocratizado das mesmas. A burocracia é uma das temáticas centrais do pensamento Weberiano para entendimento da sua concepção sobre a sociedade moderna, pois, ao se referir ao mundo moderno na tentativa de entendê-lo, constrói várias análises fragmentadas. A lógica do real para este autor é a de que, o real é infinito e se dá por fragmentos.

Nesta construção teórica Weberiana, o conceito de dominação se faz essencial, pois, para ele a burocracia será a melhor forma de dominação racional, pois, os indivíduos terão a crença nas ordens estatuídas, a confiança nas instituições sociais, de modo que, irão as legitimar, as reconhecer, como participantes essenciais em suas vidas.

Além desta dominação especificamente, Max Weber desenvolve a análise de outras duas formas: a dominação tradicional, que seria a crença nas santidades dos elementos cotidianos, ou seja, neste tipo de dominação, os elementos da tradição, elementos que sempre aconteceriam desde sempre, é que sustentaria a dominação.

O princípio do pensamento de Max Weber se constitui a partir da ação social dos indivíduos - um objeto pelo qual a sociologia irá pretender entender, em sua visão. Esta ação social é caracterizada por ele como “uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou agentes, se refere ao

comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso. (WEBER, 2004, p.3). Nesse sentido pensa a sociedade moderna a partir do sujeito, ou seja, das ações dos indivíduos em sociedade, tendo seu sentido da história como um sentido imprevisível e que pode se transformar rapidamente. Tipifica estas ações sociais como toda ação que pode ser

determinada de modo racional referente a fins: por expectativas quanto ao comportamento de objetos do mundo exterior e de outras pessoas, utilizando essas expectativas como condições ou meios para alcançar fins próprios, ponderados e perseguidos racionalmente, como sucesso; de modo racional referente a valores: pela crença consciente no valor – ético, estático, religioso ou qualquer que seja sua interpretação – absoluto e inerente a determinado comportamento como tal, independente do resultado; de modo afetivo, especialmente emocional: por afetos ou estados emocionais atuais; de modo tradicional: por costume arraigado. (WEBER, 2004, p. 15)

Dessa forma, a ação racional com relação a fins se faz para atingir um objetivo previamente definido. Nesta ação, a racionalidade será atendida quando menos fatores afetivos e emocionais interferirem no processo. Age dessa forma quem orienta sua ação pelos fins, meios e conseqüências secundárias, ponderando racionalmente tanto os meios em relação às conseqüências secundárias, assim como os diferentes fins possíveis entre si. Já a ação racional em relação a valores seria quando a ação é motivada por convicções que levem em conta valores, senso de dignidade, crenças religiosas. A terceira ação, a ação de modo afetivo, é motivada por afetos ou estados emocionais atuais. O indivíduo agiria de maneira afetiva. Por fim a ação de modo tradicional, baseada em elementos repetitivos.

Max Weber ao propor compreender estas ações sociais originadas dos indivíduos, se orienta pelo fundamento do sentido que a cada ação o sujeito oferece para sua concretização real. Portanto, Max Weber propõe a compreensão destas motivações para o entendimento as mesmas. A compreensão, aqui é um fundamento teórico-metodológico para sua análise e significa apreensão interpretativa do sentido ou conexão de sentido.

Em seu pensamento, toda ação possui um sentido, um motivo para que se faça de fato, o motivo é um dos fundamentos Weberianos o qual explica

a sua construção teórico-metodológica da realidade social, ou seja, uma conexão de sentido que, para o próprio agente ou para o observador, constitui a razão de um comportamento quanto ao seu sentido, um comportamento que se desenrola de maneira articulada quando afirmamos, conforme os hábitos médios de pensar e sentir, que a relação entre seus componentes constitui uma conexão de sentido típica.

Émile Durkheim pode ser pensado como um dos pensadores que contribuiu para a consolidação da Sociologia enquanto ciência e para sua instauração no meio acadêmico, tornando-se o primeiro professor universitário dessa disciplina, ao trazer ainda, a perspectiva sociológica para a academia. Viveu na Europa em vias de modernização, recebeu a influência da filosofia racionalista de Kant, do darwinismo, organicismo alemão e do socialismo de cátedra. Seu pensamento reflete a compreensão de uma sociedade moderna em sua emergência com enfoque em seu processo de complexificação expresso na divisão do trabalho social.

Interessante se faz entender o modelo teórico-metodológico como um todo, sem nos remontar a nenhum de seus conceitos, nesse momento, de compreensão da sociedade moderna por Émile Durkheim. Primeiramente compreende-se que, a lógica de pensamento social para este sociólogo francês se dá pela visão da sociedade como uma estrutura existente forte e moderna. O que se discute nesta lógica é como esta estrutura se mantém como de fato ela se legitima como ela surge como se desenvolve. Nesse sentido Émile Durkheim desenvolve sua compreensão no entendimento de que, a interação presente na estrutura existe apenas para legitimá-la, ou seja, gira em torno da constante em dizer, como de fato ela (estrutura) funciona, não para contrariá-la ou mesmo, transformá-la.

Sua lógica é fundamentada na manutenção e conservação desta estrutura, não como uma defesa da mesma, mas como uma análise científica sociológica. Aqui temos uma sociedade olhada por Émile Durkheim como um corpo forte independente das vontades individuais que, já está, portanto, definida, dada, uma engrenagem perfeita, basta ao indivíduo reproduzi-la, para o seu bom funcionamento.

Sua visão de história é linear, discute em seus pensamentos e escritos o avanço do estado simples de sociedade para um estado mais

complexo. O seu ponto de partida é a visão de que a realidade social é objetiva, indiscutível. O papel do pesquisador então é descrevê-la, pois, as condições, os elementos já existem, estão dados. Cabe ao pesquisador dispor dos meios sociais para adequar ao seu objeto. Neste pensamento se pode referenciar sua obra “As Regras do Método Sociológico” a estruturação de uma teoria metodológica, ao procurar dar legitimidade à ciência sociológica. Assim, estuda os fenômenos sociais sem recorrer às ciências naturais. Sua proposta é construir um método independente da filosofia. Define seu objeto de estudo a partir de uma realidade objetiva, como Fato Social:

É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais. (DURKHEIM, 1999, p. 13).

O fato social é materializado na estrutura e deve ser visto como coisa que pode ser experimentada. Ele é resultado do conjunto das ações dos indivíduos. Este resultado pode ser expresso na formação do Estado e das Instituições de um modo geral. Émile Durkheim caracteriza a sociologia como ciência que estuda a gênese das instituições e o seu funcionamento. O positivismo será uma das influências sobre o método de investigação que Émile Durkheim elegeu como o mais correto para a coleta de dados, a fim de que a sociologia ultrapassasse os obstáculos impostos pelas noções vulgares e pela afetividade.

A sociologia Durkheimiana tem como foco o estudo de todo comportamento instituído pela coletividade. Metodologicamente o individualismo analítico está presente em suas obras e formas de pensamento, ou seja, reconhece o indivíduo apenas como ponto passível de análise, não como, ponto de abordagem. Sua noção de sociedade é imperativa. Pensa a estrutura de forma coercitiva – sem atividade da ação do indivíduo. A sociedade se faz coercitiva, geral e independente das particularidades dos indivíduos.

Em sua forma teórico-metodológica de pensamento para se entender a sociedade moderna, Émile Durkheim com a sua conceituação de Fato Social

está preocupado em explicá-lo, em compreender como nasceu este fato, o que o causou e qual a função que este fato exerce ou exerceu sobre a sociedade. Nesta perspectiva tem-se neste modelo a noção de representação social – produto de imensa cooperação/associação entre os indivíduos, em pensamentos (espíritos) que se combinam em termos de idéias e sentimentos e se estende no tempo e no espaço - ao considerar o fato social como um fato coletivo, fruto da coletividade. Assim, a referência é pensar que a sociedade se formatou enquanto coletividade e não enquanto individualidade.

A noção de coesão social é bem presente em sua forma de delinear a teoria sociológica da modernidade. Émile Durkheim pensa o funcionamento das Instituições, no sentido de que, esta coesão leva à lógica de que estamos moldados às convenções sociais e é o elemento que garante este funcionamento organizado. Fica evidenciado que a sociedade em Durkheim se mantém por elementos que constroem seus indivíduos presentes na intencionalidade de se instaurar sempre a ordem, o funcionamento perfeito das particularidades. Há um constrangimento moral institucionalizado, dado, reproduzido, internalizado e externalizado e, logo, aceito pelos indivíduos, seja por formas coercitivas, seja por formas habituais.

O complexo de fatos sociais que se integralizam, forma o todo, que conceitualmente Émile Durkheim chama de consciência coletiva – o conjunto de crenças e sentimentos comuns à média dos membros de uma determinada sociedade - a qual proporciona ao indivíduo uma conformidade em relação às regras que o uniformiza no meio e que se encontra. Este conjunto assume a forma de um corpo, “uma forma sensível que lhes é própria, e constituem uma realidade *sui generis*, muito distinta dos fatos individuais que a manifestam”. (DURKHEIM, 1999, p.7). Nesta perspectiva Émile Durkheim afirma que, um “fenômeno só pode ser coletivo se for comum a todos os membros da sociedade ou, pelo menos, à maior parte deles, portanto, se for geral. Certamente, mas, se ele é geral, é porque é coletivo (isto é, mais ou menos obrigatório), o que é bem diferente de ser coletivo por ser geral”. (1999, p. 9).

Os indivíduos com suas consciências particulares passam a diluí-las na consciência coletiva cotidianamente, de modo que, se tornam legítimas as convenções sociais. Caso algo se encontrar fora destas condições, estará em estado de anomia, ou seja, todas as vezes que, houver ausência de normas

sociais adequadas ao processo social, com possibilidade de prejudicar a integração, ou mesmo, a ordem social, a disfunção estará presente, como diz: “é a esse estado de anomia que devem ser atribuídos, como mostraremos os conflitos incessantemente renascentes e as ordens de todo tipo de que o mundo econômico nos dá triste espetáculo” (DURKHEIM, 1999, p. VII).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente a estes últimos apontamentos Durkheimianos, se percebe nesta teoria sociológica a prioridade na abordagem coletiva ao invés da abordagem individualizada de análise social. Sua teoria prioriza a estrutura como forma de entendimento do funcionamento das instituições sociais que possuem em suas emergências, em seus nascimentos e em seus funcionamentos, vida própria às manifestações individuais e capacidade de se manterem, se perpetuarem ao logo do tempo.

Em linhas gerais, Max Weber concebe a sociedade moderna como uma sociedade fundamentada na burocracia que é um tipo de dominação racional e a mais predominante neste tipo de configuração social e que pode ser entendida por análises fragmentadas, e umas destas fragmentações, é a compreensão que se faz do conceito de ação social, metodologicamente, seu ponto de análise sociológica.

Importante dizer que, os quatro tipos de ação social que se Max Weber compreende, não representam uma visão real e completa de todas as ações presentes na sociedade, são apenas tipos puros que servem de instrumentos teórico-metodológicos para a sociologia Weberiana.

As obras de Marx revelam que sua perspectiva teórica está fundamentada na dialética, na compreensão de como capital nasce e se reproduz, na crítica à economia capitalista, focalizado na modernidade, enfim, na gênese das sociedades humanas, suas estruturas econômicas, sociais, políticas, ideológicas e as relações que estas constroem entre elas mesmas, bem como, suas contradições internas.

REFERENCIAS

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio: estudo da sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultura, 1991. (Os pensadores).

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Vol. I e Vol. II. RJ: Civilização Brasileira, 2008.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Vol. I. Brasília: UnB, 2004.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Vol. II. Brasília: UnB, 2004.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais – Parte I*. Campinas: cortez, 1992.